

O ENSINO DA FILOSOFIA: UMA ARTE DE MULTIPLICAÇÃO DOS SIGNOS?

Ricardo Nascimento Fabbrini*

O ensino de *Filosofia*, nos cursos de 2º ou 3º graus, pode estimular a tarefa técnica, intratextual, de desmontagem lexical, sintática e lógico-argumentativa das diferentes modalidades discursivas. Além disso, pode provocar conexões temáticas e metodológicas entre a *tradição do discurso filosófico* e as demais disciplinas.

Mas isto pressupõe considerar a *filosofia* uma operação perene, uma *visada* ou *interpretação* timbrada pela consciência da impossibilidade do confinamento da *linguagem*. *Uma escansão incansável de signos*: "Perspectivismo significa relação estratégica na produção do conhecimento, de modo que este é sempre parcial, oblíquo. Conhecer não é explicar, elucidar, mas interpretar, - *atividade contínua, inacabada, voltada não sobre o significado das coisas, mas para a ação de inscrever signos*. Aprender, por exemplo, implica estabelecer familiaridade prática com os signos, com o heterogêneo; aprender é constituir *um espaço de encontro dos signos* - "espaço em que os pontos relevantes se retomam uns nos outros e em que a repetição se forma ao mesmo tempo em que se disfarça". *Emitir signos* a serem desenvolvidos no heterogêneo é o que pode fazer toda educação (ou todo professor): apoderar-se violentamente desses signos, dominar situações, dar forma, estruturar, impor determinadas relações de força situa aquele que se educa. Educar-se, conhecer, aprender: arte da multiplicação do sentido e da modificação da natureza dos signos que, por estabelecerem relações entre um ocultado e uma superfície, manifestam-se como sintomas. Toda educação processa-se ao nível dos sintomas para situar o intérprete na atividade de *valoração*"¹ (parênteses e grifos nossos).

A aquisição de uma "*familiaridade prática com os signos*", que permitiria ao aluno dominar situações, dar forma, estruturar, impor determinadas relações de força, enfim, situar-se, pode assumir duas direções. *O professor pode acentuar a verdade ou a validade do espaço dos signos. No segundo caso - o da validade - pode reduzir a interpretação a uma crítica da razão ou a uma crítica da linguagem.*

* Comunicação apresentada à "Semana de Filosofia" ("Filosofia e seu Ensino") no Departamento de Filosofia da Faculdade de Comunicação e Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em setembro de 1991.

** Professor de Filosofia da Escola de Aplicação da USP.

1. Cf. FAVARETTO, Celso Fernando. Pós-Moderno na Educação? In: *Revista da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo*. São Paulo, FEUSP, 17(1/2):121-8.

Reduzir a interpretação à busca da *verdade* (ou da verificabilidade) é torná-la *ideologia*; é acreditar que a doença é curável pelo apagamento do sintoma. Negar o *enigma da letra*, atribuindo um fundamento à palavra. E identificar, em outros termos, a filosofia à ciência. Mas a filosofia, ao contrário da ciência, "não visa organizar os fatos", trabalhando sobre *modelos* que simulam aquilo que **deve acontecer na realidade**, "mas simplesmente produzir significações"²

A ênfase na *validade* pode tornar a interpretação uma "crítica da razão" no sentido habermasiano. Combatendo a dissolução da diferença dos gêneros entre *Filosofia e Literatura*, Habermas alerta contra o risco da substituição da "consistência lógica" pelo "logo retórico": "Se o pensamento filosófico se exime (...) do dever de solucionar problemas e se assimilam suas funções às da crítica literária, não somente perde sua seriedade mas também sua produtividade e alcance (...). Quem translada a crítica da razão ao âmbito da retórica para assim neutralizar o paradoxo de sua auto referencialidade, não faz outra coisa que embotar o fio da própria crítica da razão. A falsa pretensão de suprimir a diferença de gênero entre filosofia e literatura não pode ajudá-los a sair da aporia"³

Mas o *aparelho retórico* e o *aparelho analítico* são indissociáveis. A interpretação deve ser uma "arte de execução cujo resultado não é, de modo algum, exterior à própria execução"⁴; ou ainda: "o professor deve trabalhar *sem regras já estabelecidas*, sem **a priori**, mas é complicado aceitar-se na educação que as regras se estabelecem a partir do que é feito, no que é feito"⁵.

As regras nascem dos discursos que podem não se referir a uma prática cotidiana no mundo. E o que parece descurar Habermas: sua *teoria* "é uma reinterpretação do mundo vivido, na perspectiva de uma racionalidade comunicativa sobre a linguagem comum como meio de uma intercompreensão refletida"⁶. Destacando sua *perspectiva comunicativa*, Habermas (aproximando-se da *Hermenêutica* de Gadamer ou da *Estética da Recepção* de Jauss) ameaça a autonomia do texto. O desviar-se da "linguagem comum" (dos códigos de leitura vigente) pode ser uma forma de resistência à racionalidade instrumental, uma recusa à petrificação social. Submeter o texto ao *consenso aberto*, aos acordos majoritários, à legalidade da práxis, ao dever-ser solidário

2. Cf. GRANGER, Gilles Gaston. *Por um conhecimento filosófico*. Campinas, S.P., Papyrus, p. 14.

3. Cf. HABERMAS, Jürgen. Excurso sobre la disolución de la diferencia de gêneros entre filosofía y literatura. In: *El discurso filosófico de la Modernidad*. Madrid, Taurus, 1989, pp. 225-54; Cf. também "Filosofia e ciência como literatura". In: *Pensamiento postmetafísico*. Madrid, Taurus, 1990, pp. 240-60.

4. Cf. GRANGER. *op.cit.*, p. 206.

5. Cf. FAVARETTO, Celso. *loc. cit.*, p. 125.

6. AMEY, Claude. Experiência estética e agir comunicativo: em torno da Habermas e a estética. In: *Novos Estudos CEBRAP*. (29):131-147, março, 1991.

é abandonar a arte da negatividade da linguagem (ênfataza por Adorno em sua *Teoria Estética*). A ênfase na recepção, ou na fruição, encobre a função criadora **da palavra**. Abafa a *inovação lingüística* que, embaralhando os níveis de realidade (a "ficção" e o "mundo real", a "literatura" e a "teoria"), opõe-se ao fastio da comunicação rotineira - às *expectativas* pré-formadas pela experiência cotidiana.

O Professor deve *desconstruir e reconstruir* o texto - *trabalhá-lo*: traçar seu "plano de imanência", "inventar (ou *reinventar*) os conceitos e sua consistência".⁷ *O texto que diz apenas acerca* "de algo no mundo" - na expressão de Habermas - ignora que há um único acontecer textual universal⁸: só uma crítica (literária ou estética), que, sem ignorar a rede de relações discursivas que constroem os argumentos, também se detiver nas figuras formadoras de estilo - tratando, neste sentido, o texto como *texto literário* - poderá apreender a *realidade lingüística*.

Tornaremos, assim, interligados o *uso convencional da linguagem* e os *deslocamentos em sua estrutura* - a prática da comunicação diária e as irrupções da criação literária. Estendendo a experiência estética que reconhece à palavra o poder de "abrir mundo", na expressão de Derrida, aceitaremos com Calvino (ou mesmo com os pós-estruturalistas franceses) que "o verdadeiro sujeito primeiro da escritura nos aparece cada vez mais distante, mais diluído, mais difuso: talvez se trate de um eu fantasma, de um lugar vazio, de uma ausência"⁸. Ou simplesmente de um *Texto Unico*, translúcido - opaco e transparente - entrecortado de *Margens*, necessariamente dialético. Um "campo de imanência", aberto, longe de ser pacífico.⁹

O aluno deve apreender a tradição textual não como uma sucessão de sistemas, mas como uma coexistência de planos. Uma ordem "estratográfica" que superpõe a filosofia, a arte e a ciência (ou, como querem Deleuze e Guattari, o "pensamento de conceitos, de funções ou de sensações").¹⁰ Enfim, das aulas de filosofia deve resultar uma *certeza minimalista*: a de que há linguagem - que se auto-apresenta em sua impotência em demarcar um conteúdo de verdade e que denuncia, a cada nova proposição, a impossibilidade de uma *transparência* que, imobilizando os signos, concilie os interlocutores.

7. Cf. DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Qu'est-ce que la philosophie*. Paris, Editions de Minuit, 1991.

8. Cf. Italo Calvino. "Kybernetik und Gespenster". Munich, 1984. p. 143, *apud* HABERMAS, Jürgen. *Pensamiento Postmetafísico*. p. 247.

9. Cf. DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix, *op. cit.*

10. *idem., ibidem*